

Elefantes no Cerrado, um equívoco

Categories : [Colunistas Convidados](#)

Quem acessar o site do Santuário de Elefantes Brasil vai descobrir que eles criaram, em uma área de Cerrado, no Mato Grosso, um "santuário" para receber elefantes da América Latina. Tem sido difundida a ideia de que neste local os elefantes estarão "em liberdade". O site da instituição menciona que mesmo bons zoos "não são uma opção viável" para elefantes. A justificativa seria que as limitações de "espaço e capacidade" impactam a qualidade de vida dos elefantes.

A informação é equivocada. Bons zoos podem sim manter elefantes com excelente qualidade de vida. O espaço é só uma das variáveis que influenciam a qualidade de vida dos elefantes. Também precisam ser avaliados alojamento, cuidado, saúde física, interações com humanos, genética e história de vida.

Na verdade, há um [estudo abrangente e pioneiro sobre bem-estar de elefantes em zoos realizado pela Universidade da Califórnia](#), que envolveu 255 elefantes em 70 zoos, e uma equipe de 5 especialistas em manejo de elefantes e 19 cientistas (além de pesquisadores, consultores, estudantes e técnicos). Este estudo visou entender os fatores que influenciam o bem-estar dos elefantes. Com base nos resultados, bons zoos podem agir para melhorar a vida dos animais sob seus cuidados. Os resultados desta pesquisa indicaram que as interações sociais e as oportunidades de interagir com seu ambiente podem ser mais importantes para o bem-estar de elefantes do que espaço.

Sempre reforço: o que faz realmente a diferença para os animais mantidos sob cuidados humanos é a excelência no manejo, e não a ausência de público ou o nome que é dado ao local (a eterna discussão sobre zoos x santuários).

Aliás, a ideia de ter elefantes caminhando livres e felizes pelo [Cerrado](#) é ingênua: elefantes precisam de cuidados constantes, independente do tamanho do recinto. E por constantes, leia-se diários. Bons zoos têm que fornecer cuidados diários: cada animal deve ser checado, treinado e receber cuidados nas patas. Para que isso seja feito, são necessárias sessões diárias de treinamento e condicionamento. Uma vez sob cuidados humanos, devem ser examinados diariamente.

"(...) o que faz realmente a diferença para os animais mantidos sob cuidados humanos é a excelência no manejo, e não a ausência de público ou o nome que é dado ao local."

No Brasil, os zoos que mantém elefantes receberam treinamento sobre seu manejo em um workshop intensivo que foi ministrado por Frank Carlos Camacho, CEO do [Africam Safari](#) no

México e presidente da International Elephant Foundation. Agora cabe a cada instituição aplicar o que foi ensinado e melhorar a vida dos animais sob seus cuidados.

Instituições que não tenham excelência no manejo e recursos para investir no manejo apropriado de elefantes e não possam fornecer um alto grau de bem-estar devem fazer a opção responsável de não manter estes animais. Isso vale inclusive para este mantenedouro no Cerrado.

Considerando que aparentemente a instituição vai sobreviver de doações, eu me pergunto o que acontecerá com os animais nos meses em que, digamos, as doações não aparecerem? Como a estrutura necessária (veterinários, biólogos, tratadores, alimentação, medicamentos, etc..) será mantida?

Vejo com muito, digamos...ceticismo...a criação de um mantenedouro de elefantes que começa dando declarações equivocadas. Em um [programa do CQC](#) que foi ao ar há algum tempo, a bióloga responsável nos brindou com várias pérolas. Uma delas foi que "quando você coloca um animal em cativeiro ele deixa de ser um animal, afinal, ele não escolheu estar ali, e não pode escolher o que vai comer". Devemos supor então que os elefantes habitantes do "santuário" deixam de ser animais quando chegarem ao local? Ou eles escolheram ir para lá? Eles é que vão definir a própria dieta?

Creio que passou da hora de abandonar o discurso surreal de que "santuário" não é cativeiro. O discurso deste mantenedouro também coloca zoos e circos "no mesmo saco", o que além de apelativo, é inverídico. Na entrevista, a bióloga disse que os zoos têm mais mortes do que nascimentos e que em zoos animais vivem menos. Na posição de cientista, ela deveria ter à mão dados que comprovem estas estatísticas, e mostrar a fonte, já que, em geral, em zoos animais têm vida mais longa do que na natureza, pois não correm risco de fome e têm as doenças tratadas.

À época da entrevista, a instituição fez uma vaquinha para arrecadar módicos 350 mil (Foram arrecadados cerca de 67 mil). Além do custo de manutenção, há o custo altíssimo de deslocar animais de outros países para o mantenedouro.

Como ajudar os elefantes

A população de elefantes na África apresentou uma queda de 20% em 9 anos, segundo a IUCN, e lá são mortos cerca de 96 elefantes diariamente. É morto um elefante a cada 15 minutos. Elefantes asiáticos e africanos ainda sofrem com a pressão dos conflitos com populações humanas e muitos são mortos.

São necessárias ações urgentes para que elefantes não sejam extintos, e muitos zoos no mundo todo estão trabalhando ativamente para salvar estas espécies.

O contundente documentário "[The Ivory Game](#)" (disponível no Netflix com o título "O Extermínio do Marfim", mostra o tamanho do problema que é o comércio ilegal de marfim. Sem a proibição total do comércio legal de marfim, ele vai seguir servindo para "esquentar" marfim ilegal e fomentar mortes e sofrimento. Os Estados Unidos proibiram este ano o comércio de marfim em seu território, mas a China, maior mercado consumidor, ainda não estabeleceu data para a proibição.

A United for Wildlife criou uma campanha, a [#WorthMoreAlive](#) (vale mais vivo) para fazer pressão pelo banimento do mercado legal de marfim. Em menos de 10 dias acontecerá a Conferência de Hanói sobre o Comércio Ilegal de Vida Selvagem, e a campanha quer espalhar a mensagem de conservação dos elefantes e fazer pressão para a proibição do comércio de marfim. É bem bacana, e para participar é só [clique no link](#), escolher sua foto e se juntar à "manada". Enquanto o comércio de marfim não for banido, é preciso proteger os elefantes investindo forte em proteção, fiscalização e iniciativas, tais como cercas, que minimizem o conflito com populações humanas.

Esta é a forma de investimento de recursos que realmente vai fazer diferença para a conservação de elefantes, e muitos zoológicos no mundo todo investem recursos para sua conservação na natureza.

Um exemplo aqui na América Latina é o já citado Africam Safari. Eles equipam com GPS, coletes à prova de balas e outros equipamentos os guarda-parques que lutam contra caçadores furtivos na África do Sul. A equipe do Africam já passou várias noites escondida entre os espinhos africanos, em operações de repressão à caça de elefantes e rinocerontes. Além disso, trabalham ativamente na Ásia para ensinar os [mahouts](#) (montadores de elefantes) a abandonarem técnicas cruéis de treinamento e substituí-las por técnicas de condicionamento operante, que além de não maltratar os elefantes, são prazerosas e estimulantes para os animais. Centenas de mahouts já foram treinados...isso significa que centenas de elefantes tiveram sua vida melhorada graças à ação efetiva de um zoológico.

Quanto ao [Santuário de Elefantes Brasil](#), a escolha do local para a construção do mantenedouro de elefantes foi equivocada: 1.100 hectares de cerrado, um bioma ameaçado e não adaptado à presença deste tipo de animal. O mantenedouro está a cerca de 40 Km do [Parque Nacional da Chapada dos Guimarães](#). O estrago que será feito nesta área é inevitável.

De acordo com o ICMBio, "o Cerrado é o bioma com a menor porcentagem de áreas sob proteção integral. Apenas 8,21% da área total do seu território é legalmente protegida com unidades de conservação; uma das razões que fazem do Cerrado o bioma brasileiro que mais sofreu alterações com a ação humana. Atualmente a área conta com uma intensa exploração predatória: inúmeros animais e plantas correm risco de extinção e estima-se que 20% das espécies nativas e endêmicas da região já não ocorram em áreas protegidas".

Para as espécies ameaçadas de plantas e animais do Cerrado, cada hectare conta. E poderia ser usado para salvar espécies locais que, não sendo midiáticas, não conseguem dinheiro em vaquinhas digitais.

Leia também

<http://www.oeco.org.br/reportagens/26516-qjurassic-parkq-do-jalapao-tera-rinocerontes-e-leoes/>

<http://www.oeco.org.br/colunas/colunistas-convidados/27224-zoos-e-aquarios-tem-papel-importante-na-conservacao/>

<http://www.oeco.org.br/colunas/colunistas-convidados/cerrado-dores-e-amores-aos-65-milhoes-de-anos/>